

Literatura Brasileira, Literatura Latino-americana?

Luiz Roberto Cairo

UNESP/CNPq

Resumo

Não se pode imaginar o quão perto está a literatura brasileira de outras literaturas americanas, em especial na América Latina. No século XIX escritores brasileiros construíram suas Identidades Nacionais ao mesmo tempo em que construíram sua Identidade Americana. Não havia uma diferença muito grande entre Brasil e América nas imagens brasileiras do Romantismo. Mesmo quando alguém diz que o instinto de “americanidade” criado por escritores românticos brasileiros vem de escritores hispano-americanos, podemos ver realmente uma relação clara entre o Brasil e países americanos. O objetivo desta pesquisa é analisar alguns trabalhos críticos escritos por autores brasileiros e hispano-americanos durante o século XIX.

Palavras-chave:

Literatura Brasileira; Literatura Latino-americana; Crítica Latino-americana

Abstract

People can't imagine how close Brazilian Literature and other American Literatures are mainly in Latin America. In the 19th Century Brazilian writers built their National Identity at the same time they built their American Identity. There wasn't a very big difference between Brazil and America in the Brazilian literary images from Romanticism. Even when somebody says that the instinct of “americanidade” created by Brazilian romantic writers came from the Spanish-American authors, we can really see a clear relationship between Brazil and American countries. This paper aims to think of some critical essays which were written by Brazilian and Spanish American authors during the 19th Century.

Key Words

Brazilian Literature; Latin American Literature; Latin American Criticism.

Latinoamerica son muchas nacionalidades donde hay unas mezclas y unas atracciones muy complejas a lo largo de muchos siglos, es una confluencia de diversas culturas, y tal vez sea eso lo que haya dado lugar o cultivado estas producciones culturales sumamente interesantes.

Vicente Todolí¹

América – Hemisfério Ocidental. Anteriormente usado pelos Estados Unidos da América para referir-se a seu território e população, hoje inclui a América Latina, o Caribe e o Canadá.

The Future Dictionary of America, 2004.

Por ocasião do lançamento do instigante CD *A foreign sound*, do compositor popular brasileiro Caetano Veloso e do filme *Diários de Motocicleta*, baseado nos diários de viagem do jovem Che Guevara e de seu amigo, Alberto Granado, ambos argentinos, belo filme dirigido pelo cineasta brasileiro Walter Salles, em que o jovem revolucionário é interpretado por um ator mexicano, Gael Garcia Bernal, vimos serem veiculadas na mídia reportagens e entrevistas que deixavam transparecer uma questão aparentemente sem importância, mas que traduz o impasse identitário de todos que vivemos no continente americano: Somos americanos porque vivemos na América? Somos latino-americanos os que vivemos na América do Sul, parte da América Central e da América do Norte, colonizados por povos ibéricos e latinos? A condição de americano pertence apenas a quem vive nos Estados Unidos da América?

O fato relacionado aos dois lançamentos da mídia para o qual gostaria de chamar a atenção diz respeito a uma historinha relatada por vários jornalistas em diversas entrevistas concedidas por Caetano Veloso aos principais jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, referindo-se ao toque de retirada do ator Gael Garcia Bernal do salão de uma festa onde se cantou de pé a canção emblemática do compositor norte-americano Irving Berlin, “God bless America”. Indagado por que não se retirou, Caetano respondeu:

Eu fiquei de pé por causa de Irving Berlin (autor da canção patriótica). Eu cantava isso quando criança e achava que estava se falando da América como um todo. A mesma América de Che Guevara. Depois eu descobri que não sei como chamar quem nasce nos Estados Unidos. É um país sem nome. Estados Unidos é só uma condição. O Brasil também se chamava Estados Unidos do Brasil, e o México se chama Estados Unidos do México. Não quer dizer nada. Eles roubaram o nome do continente. É como os colonizadores ingleses, que acham que só eles valem. Aqueles outros mais escuros e os índios não valem muito. E até hoje ainda não provamos se valem mesmo ou não. Eles estão com a bola toda. (Vianna, 2004, E, 3).

Convém registrar aqui que, no encarte do CD *A foreign sound*, Caetano Veloso observa:

Por todo o mundo há pessoas que gostariam de achar um meio de agradecer à música popular americana por ter enriquecido e embelezado suas vidas. Muitos tentam. É o que faço aqui.

Este incidente aparentemente irrelevante registrado pelo jornalismo cultural reflete algo com que a todo instante nós brasileiros nos defrontamos ao refletirmos sobre como nos vemos no continente americano e serve como preâmbulo para as considerações que passarei a discorrer ao longo deste texto intitulado: “Literatura brasileira, literatura latino-americana?”.

Dada a complexidade de alguns termos a serem usados, convém esclarecer que, pelo fato de se tratar de uma rápida comunicação, expressões como América, americanidade, americano, América Latina, latino-americanidade, e/ou latino-americano são utilizadas, de uma forma quase simplista, mas não redutora.

América Latina, por exemplo, está sendo pensada, conforme Eduardo Faria Coutinho, em “Reescrevendo a América Latina: em busca de uma nova Historiografia Literária no continente”, como:

(...) uma construção, primeiro européia e posteriormente de seus próprios habitantes, ou, para empregar as palavras de alguns críticos, uma “ficção”, e mais tarde uma “autobiografia”; assim, deve ser abordada por uma ótica que leve em consideração o processo mesmo dessa construção através do exame da produção e recepção de sua literatura. (Coutinho, 2003, 86)

A expressão foi criada na França no século XIX, para diferenciar da denominada América anglo-saxônica, tendo sido empregada inicialmente para nomear a América hispânica e, posteriormente, abrangendo também o Brasil, o Caribe francês, o Quebec no Canadá, e até mesmo os países e os povos do Caribe não colonizados por neolatinos (colônias inglesas e holandesas) e de universos transculturais existentes na América anglo-saxônica, como o caso dos “chicanos” nos Estados Unidos.

Ao contrário do que parece, há mais contatos do que se imagina entre o Brasil e as demais nações americanas. O próprio sentimento de nacionalidade nasceu concomitante a um certo instinto de americanidade que fez com que em muitos textos o Brasil fosse visto como o próprio continente americano pelos nossos escritores românticos, aqueles que, pela primeira vez, refletiram sobre nossa identidade.

Visto por este ângulo, fica evidente uma relação de interação com a América e, em particular com a América Latina, apesar das observações freqüentes nos textos dos pesquisadores de literaturas ibero-americanas sobre o desconhecimento recíproco entre os escritores de literaturas de expressão hispano-americana e luso-americana, a ponto dos últimos, em muitos momentos, referirem-se às literaturas latino-americanas, como um bloco no qual não se vêem. Há várias tentativas de explicação, em textos de renomados críticos latino-americanos, sobre este desencontro entre povos geográfica e culturalmente tão próximos, mas o que parece ter contribuído sensivelmente para a permanência desta visão é o esquecimento ou mesmo o desconhecimento de textos que constituem as fontes primárias da formação destas literaturas por parte de muitos estudiosos.

Em ambos os contextos, a maioria das pesquisas tem-se concentrado no Barroco e nas Modernidades, privilegiando desta maneira um certo tipo de literatura, marcado pelas rupturas características das vanguardas, deixando de lado momentos importantes como o Romantismo e mesmo o Modernismo na acepção hispano-americana, como aparece em textos de críticos e historiadores brasileiros do final do século XIX e início do século XX.

Equívocos, infelizmente, têm sido observados por conta deste desconhecimento. Como exemplo, citaria o fato de alguns estudiosos chegarem mesmo a declarar o surgimento da literatura brasileira propriamente dita, em 1922, em plena Semana de Arte Moderna. Erro

grave, na medida em que a discussão consciente sobre a existência desta literatura foi uma das questões centrais dos comumente denominados “modernistas” brasileiros, que, assim procedendo, releeram a crítica e a literatura de criação produzidas exatamente um século antes pelos nossos escritores românticos.

Ao fazerem colocações desta natureza, estes estudiosos acabam demonstrando o desconhecimento, dentre outros aspectos, da existência paralela à construção da identidade nacional, ao menos na literatura brasileira, de um certo *instinto de americanidade* que acaba revelando uma aproximação entre os povos do continente americano. Por conta disso, convém lembrar textos poéticos de escritores pouco lidos como *A lágrima de um Caeté* (1849), de Nísia Floresta (1810-1885), *O Guesa errante* (1876), de Joaquim de Sousa Andrade (1832-1902), o Sousândrade, *O Canto da Índia* (1856), de Rita Barém de Melo (1840-1868), *Colombo* (1866), de Manuel Araújo Porto-Alegre (1806-1879) para não falar daqueles textos de escritores canônicos como a denominada “poesia americana” (1847) de Gonçalves Dias (1823-1864), os romances *Iracema* (1865), *O Guarani* (1857) e *Ubirajara* (1874), de José de Alencar (1829-1877), os livros de poesia *Vozes da América* (1864) e *Anchieta* ou *O Evangelho da selva* (1875), de Fagundes Varela (1841-1875), poemas como “O livro e a América” (1870), de Castro Alves (1847-1871), *Americanas* (1875), de Machado de Assis (1839-1908), ou mesmo textos críticos como os de Gonçalves de Magalhães (1811-1882), Santiago Nunes Ribeiro (?-1847), Joaquim Norberto de Sousa Silva (1820-1891), Francisco Adolfo Varnhagen (1816-1878), Antonio Joaquim Macedo Soares (1838-1905), dentre outros, em que se constata índices deste sentimento de *americanidade* caminhando lado a lado com o instinto de nacionalidade.

Antes de fazer qualquer ponderação sobre americanidade, gostaria de esclarecer o sentido em que estou empregando esta expressão.

De acordo com o *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, a expressão americanidade pode ser tomada como sinônimo de americanismo, que por sua vez tanto pode significar “admiração, apreço ou mania das coisas da América, particularmente dos Estados Unidos da América”, quanto “tudo que diz respeito à cultura tradição, instituições do continente americano ou que o caracteriza” ou “amor ao continente americano”.

Americanidade ou americanismo é uma expressão que vem de americano, podendo significar, dentre várias acepções, “de, ou pertencente ou relativo às Américas do Norte, Central e do Sul, ou ao continente americano” ou “o natural ou habitante do continente americano”.

As expressões americanidade ou americanismo não devem porém ser confundidas com americanização que significa “ação ou efeito de americanizar(-se)”, mais precisamente, no contexto em que vivemos, ação ou efeito de “tornar(-se) americano ou norte-americano; adaptar(-se) ao temperamento, à maneira, ou ao estilo americano ou norte-americano”.

Neste texto, estou considerando o instinto ou espírito de americanismo ou de americanidade tanto no sentido utilizado por Zilá Bernd (1944-) e Maria do Carmo Campos de “sentimento de pertença à América” (Bernd e Campos, 1995, 5), quanto no sentido empregado por Hélio Lopes (1919-) no artigo “Cristóvão Colombo” publicado n’*O Estado de São Paulo*, de 13 de novembro de 1977, de exaltação do continente americano, visto como um dos aspectos do nacionalismo romântico brasileiro. Para ele, o americanismo vem à tona:

Quando os nossos poetas ou romancistas engrandecem a própria terra, reassumem a visão paradisíaca das crônicas e dos poemas dos séculos coloniais, realçando ou acrescentando-lhes agora a melodia nova do orgulho do berço e da posse. (Lopes, 1997, p. 283)

Esta tendência contudo não se restringiu apenas aos limites das terras brasileiras, mas se estendeu principalmente pela América Latina, a ponto de Hélio Lopes, em seu texto, considerar a existência de dois ângulos distintos no americanismo:

(...) ainda o culto da natureza virgem e grandiosa, não necessariamente exótica em oposição à natureza européia, embora esta fisionomia se possa distinguir, e o culto dos heróis nacionais. Confluem estes dois ramos para a exaltação única da Liberdade. (1997, p. 283)

Infelizmente ele vê neste americanismo dos românticos brasileiros uma usurpação mesmo do termo América, daí dizer:

Tomamos então para nosso uso a cordilheira dos Andes, o condor e os vulcões. E chega-se a roubar o próprio nome da América para restringi-lo ao Brasil. (1997, p. 283)

No fundo, procura mostrar, apoiado no texto *De la Poesia en el Brasil* (1855), do escritor espanhol Juan Valera y Alcalá Galiano (1824-1905), cujos fragmentos foram publicados na revista *Guanabara* (1849-1856), a existência de uma épica romântica brasileira, pouco explorada pelos pesquisadores da nossa literatura, da qual o poema *Colombo* (1866), de Manuel de Araújo Porto-Alegre (1806-1879), é um dos produtos mais significativos, e que é fruto do gosto português, pois, de acordo com a avaliação de Fidelino Figueiredo (1889-1967), “o feito de Colombo não despertou na Espanha uma épica de aventura marinha como a que tiveram os portugueses” (1997, p. 284).

A observação de Hélio Lopes diz respeito principalmente aos textos poéticos românticos, no entanto, venho observando que também na crítica, em quase todos os textos, tanto da fase que costumo chamar dos bosquejos, parnasos e panteões, haja vista o “Ensaio sobre a história da literatura do Brasil” (1836), de Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882), publicado, em Paris, na *Niterói, Revista Brasiliense* (1836) ou “Da nacionalidade da literatura brasileira” (1843), de Santiago Nunes Ribeiro (?-1847), publicado no *Minerva Brasiliense* (1843-1845) ou “Ensaio histórico sobre as letras do Brasil” (1850), de Francisco Adolfo Varnhagen (1816-1878), publicado como Introdução ao *Florilégio da Poesia Brasileira*, quanto de fases posteriores como acontece com “Bênção Paterna”, por exemplo, prefácio a *Sonhos de Ouro*, de José de Alencar (1829-1877), o sentimento de americanidade está presente, de alguma forma, ao lado do instinto de nacionalidade.

Antes de Hélio Lopes, Afrânio Coutinho (1911-2000) já havia observado, em *A tradição afortunada*, ensaio memorável sobre o espírito de nacionalidade na crítica brasileira, que, na primeira metade do século XIX:

(...) a literatura brasileira – para ser brasileira ou nacional, como queriam os escritores inspirados pela poética romântica – tinha que olhar em torno e reproduzir a paisagem “americana” a fim de adquirir a cor local necessária à sua caracterização nacional. (Coutinho, 1968, . 67)

No momento romântico, chegou-se mesmo a constatar o emprego do termo “americanas” como designação de um tipo de produção poética, conforme verbete da *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa:

Termo geralmente usado durante o Romantismo, no Brasil, para designar a produção literária, particularmente de poesia, tendo em vista caracterizar o aspecto “americano” ou “brasileiro” daquela poesia. Indica a tendência nacionalista ou anti-lusa daquela época que procurava acentuar a incorporação dos aspectos locais (costume, flora, paisagem) à literatura. O próprio Almeida Garrett, no prefácio do *Parnaso Lusitano*, conclamou os escritores brasileiros a usarem mais a natureza brasileira nas suas produções literárias. Entre outros, Gonçalves Dias e Machado de Assis empregaram a denominação “poesias americanas” para designar uma parte de sua produção poética, seguindo a tendência geral. (Coutinho e Sousa, 2001, p. 222)

Esta tendência americanista, de feição nacionalista ou anti-lusa, no Brasil, tinha, na verdade, uma dimensão continental, pois é possível registrar também na América hispânica, a publicação de antologias que expressam esse sentimento, haja vista *América poética, Colección escojida de composiciones en verso, escritas por americanos en el presente siglo*, do crítico romântico argentino Juan Maria Gutiérrez (1809-1878). Esta antologia, teve sua primeira edição em fascículos, publicados, entre fevereiro de 1846 e junho de 1847, pela Imprensa de *El Mercurio*, de Valparaíso, no Chile, e a segunda edição, já no formato de livro, em 1866, publicado pela Imprensa de Mayo, de Buenos Aires. *América poética* reúne poemas de 53 poetas, sendo catorze da Argentina, onze do México, cinco do Chile, cinco do Uruguai, quatro de Cuba, três da Bolívia, três da Colômbia, três do Peru, três da Venezuela, um do Equador e um da América Central, e constitui a primeira coletânea sistemática de poesia americana em língua espanhola e busca sintetizar “a progressiva ascensão da inteligência americana”, conforme apontou o crítico uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917), no ensaio “Juan Maria Gutiérrez (Introducción a un estudio sobre literatura colonial)”. (Medina, 1995, I, p. 221)

Ainda na Argentina, em 1883, Francisco Lagomaggiore organiza e publica, *América literaria*, uma antologia de textos em prosa e verso, onde aparecem, pela primeira vez, poemas de escritores brasileiros, e, em 1897, Carlos Romagosa organiza e publica, em Córdoba, *Joyas poéticas americanas*, uma coletânea de poemas onde se incluem textos do poeta norte-americano Edgar Allan Poe, traduzidos para o espanhol, ampliando assim o espectro da dimensão continental dessas antologias de textos americanos.

Dizer no entanto que os escritores românticos brasileiros usurparam o termo América dos hispano-americanos é, guardada a devida proporção, o mesmo que achar que os Estados Unidos o usurparam das demais nações americanas. O instinto de americanidade ou americanismo foi uma sugestão romântica européia acatada pelas diversas nações do continente americano, que, de certa forma, funcionou, consciente ou inconscientemente, como mecanismo de aproximação entre as diversas nações da América,

Admitindo portanto a presença do americanismo concomitante à construção do instinto de nacionalidade da literatura brasileira, poderemos estar, quem sabe, dando um passo no sentido de reencontrar a tradição americana e de enxergar e fazer com que esta literatura seja conseqüentemente vista como latino-americana.

Notas

¹Vicente Todoli é curador espanhol e atual diretor da Tate Modern Gallery, de Londres.

Referências bibliográficas

BERND, Zilá e CAMPOS, Maria do Carmo. *Literatura e americanidade*. Porto Alegre-RS: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.

COUTINHO, Afrânio. *A tradição afortunada*. Rio de Janeiro-RJ: José Olympio; São Paulo-SP: EDUSP, 1968.

_____ e SOUSA, J. Galante de (dir.). *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. São Paulo-SP: Global; Rio de Janeiro-RJ: Fundação Biblioteca Nacional/DNL: Academia Brasileira de Letras, 2001, 2ª ed. rev, ampl. e ilustr. (Coord. Graça Coutinho e Rita Moutinho)

COUTINHO, Eduardo Faria. *Literatura Comparada na América Latina*. Rio de Janeiro-RJ: EdUERJ, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio: o Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro-RJ: Nova Fronteira, 1999, 3ª ed. totalmente rev e ampl.

LOPES, Hélio. *Letras de Minas e outros ensaios*. (Org. Alfredo Bosi). São Paulo-SP: EDUSP, 1997.

MEDINA, José Ramón (dir.). *Diccionario Enciclopédico de las Letras de América Latina*. Caracas: Biblioteca Ayacucho/Monte Ávila Editores Latinoamericana, 1995, 3 v.

POSSO, Karl e TODOLÍ, Vicente. Tate Modern y el arte latinoamericano. In: *Márgens/Márgenes – Revista de Cultura*. N.º 4. Belo Horizonte-MG: CEL-FALE/UFMG; Salvador-BA: PPG em Letras e Lingüística/UFBA; Mar del Plata: Facultad de Humanidades/UNMP; Buenos Aires: Facultad de Filosofia y Letras/UBA, dez/2003, p. 38-43.

VÁRIOS AUTORES. *The Future Dictionary of America*. New York: McSweeney's, 2004.

VIANNA, Luiz Fernando. Caetano Veloso mostra seu avesso em SP. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo-SP: Folha da Manhã. 26 de maio de 2004, E, 3.